

Ájax e Antígona: o riso na tragédia

Orlando Luiz de Araújo ⁴⁶⁸

O presente trabalho pretende analisar o riso em duas tragédias de Sófocles, *Ájax* e *Antígona*. A limitação da comunicação impede-nos de que façamos uma análise mais detalhada das cenas de riso. Desse modo, faremos uma apresentação do riso em geral, bem como sua utilização no drama trágico e apresentaremos nossa leitura na esfera das tragédias citadas, tendo como fio condutor três aspectos do riso:

1. o riso dos deuses;
2. o riso dos homens e, por fim,
3. a diferença entre o riso divino e humano e o riso entre homens de extração social diferente.

Nossa análise partirá de três cenas encontradas nas duas tragédias de Sófocles supracitadas. Nessas cenas, interessam-nos, especialmente, três personagens que mencionam o riso, riem ou fazem rir em cena. Assim, importa-nos, sobretudo, a menção que a deusa Atena, no *Ájax*, faz ao quão agradável é o riso que advém do rir do inimigo, depois, na mesma peça, o riso louco de Ájax por ter matado o rebanho dos gregos, acreditando ter morto os Atridas e Odisseu e, na *Antígona*, o relato do guarda a Creonte que atrai para si o riso dos demais.

I. Introdução

O sorriso, o riso e a gargalhada estabelecem, em si mesmos, diferenças. Tal distinção estava já presente nas obras dos escritores antigos. O grego antigo tem a palavra γέλοιος ou γελοῖος para expressar a noção de riso, mas as nuances do riso são designadas pelas palavras γέλως (que preenche tanto a ideia geral de riso como a de um riso ligado à “deformação” do rosto numa ação integralmente realizada), μειδιάω μειδάω/μειδίαιμα (exprimindo a noção de sorriso) e καγχάζω/καγχάλαω (rir às gargalhadas, gargalhar, fazer troça de alguém)⁴⁶⁹. O riso é, desde a Antiguidade, objeto de atenção de poetas e filósofos. Ésquilo, a despeito de ser “o mais sangrento dos trágicos”⁴⁷⁰, apresenta várias ocorrências do riso em sua

468 Professor Doutor do Núcleo de Cultura Clássica da UFC.

469 Para um estudo mais completo acerca do riso no mundo antigo, indico DESCLOS, Marie-Laurence (dir.). *Le rire des grecs: anthropologie du rire em Grèce ancienne*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2000; para um estudo da tragédia, especialmente, o capítulo Rire et sourire dans l'oeuvre d'Eschyle, de Alain Moreau (p.397-405).

470 MOREAU, Alain; *op.cit.*; p.397.

obra. O filósofo Aristóteles define o homem como um “animal que sabe rir”⁴⁷¹. Sobre o riso, desde então, muito se escreveu, mas podemos afirmar que a noção do riso no drama, especificamente, na tragédia, constitui, ainda, um tema a ser melhor explorado, uma vez que apresenta obstáculos epistemológicos e problemas de método na sua abordagem, haja vista ser o campo de atuação do riso reservado ao gênero cômico.

Desse modo, pensar no riso na tragédia pode parecer contraditório, uma vez que essa não tem lugar para as questões pouco sérias como quer a tradição. Ora, Aristóteles, na *Poética*, já afirma que enquanto a tragédia se ocupa do sublime, dos homens elevados, a comédia trata dos homens vis e covardes. Assim, pensar os elementos cômicos na tragédia soa como paradoxal, no entanto desde o início do século passado, estudos nessa área não deixaram de aparecer. Em 1905, J.Schmidt escreve sobre a relação dos elementos cômicos na tragédia de Eurípides, trabalho seguido pelo de A. Rearden, em 1914, que empreende uma investigação sobre o humor na tragédia grega. A partir daí, outros trabalhos apareceram, todavia é nas décadas de 60 e 70 que vão aparecer novos trabalhos tratando do tema do cômico na tragédia, como os trabalhos de A.N. Pippin e o de Lydia Biffi, na década de 60, e os de A.Morin, na década de 70. Basicamente, o que todos esses trabalhos tem em comum é a relação de Eurípides com os elementos cômicos, não empreendendo uma leitura desses elementos aplicados ao teatro de Ésquilo e de Sófocles.

Dentre os trabalhos das três últimas décadas, ressaltamos a tese de Bernd Seidensticker, de 1982, acerca dos elementos cômicos na tragédia grega e, em 1987, o trabalho de Dominique Arnould, *Le Rire et les Larmes dans la Littérature Grecque d'Homère à Platon*, que apesar de não tratar, especificamente, sobre o riso ou o cômico na tragédia, apresenta um estudo acerca do assunto bastante aprofundado em toda a literatura grega antiga, oferecendo-nos uma visão geral do riso e qual o seu lugar entre os poetas e filósofos antigos. Citamos, ainda, dois trabalhos mais recentes de investigação sobre o riso, o primeiro, de 1998, *Le Rire des Anciens*, editado por Monique Trédé e Philippe Hoffman, traz um artigo interessante de Jacques Jouanna sobre o sorriso dos trágicos gregos, e o segundo, sob a direção de Marie-Laurence Desclos, *Le Rire des Grecs: Anthropologie du Rire en Grèce Ancienne*. Destacamos, dentre vários textos importantes que intentam estudar o riso na tragédia, o capítulo de Carles Miralles, *Le Rire chez Sophocle*, que aborda cena do riso em Sófocles.

Partindo da ideia de que na tragédia o riso não exclui a dor, mas a realça e a redimensiona, dizemos que Sófocles o utiliza, nas suas tragédias, a fim de tornar a dor mais (in)suportável ao herói, bem como para delimitar melhor o terreno do divino no qual, frequentemente, o homem insiste em pisá-lo. Em *Ájax*, Sófocles

471 Aristóteles. *Parties des Animaux*, III, 10, 673a8.

coloca em cena um deus que ri de um herói, e esse, por sua vez, rindo dos seus pares; enquanto que em *Antígona*, não há deus ou herói que ri, somente o homem comum, mais próximo do povo que ri de si mesmo.

II. *Ájax*

Em *Ájax*, o vocábulo que expressa a noção de riso, considerando suas formas nominais e verbais, aparece 14 vezes: γέλως e γελαῖν (v.79), γέλων (v.303), γέλωτος (v.367), γέλωθ' (v.382), γελαῖ (v.383), ἐπεγγελοῖσιν (v.454), γελα (v.957), γέλωτα (v.958), γελώτων (961), ἐπεγγελεφεν (v.969), ἐπεγγελαῖν (989), γελαῖν (v.1001), γελαῖν (1043). As referências ao riso são feitas pela deusa, pelo próprio Ájax e pelos parentes de Ájax. A primeira referência, nessa tragédia, é surpreendente, sobretudo se pensarmos que ela é feita por Atena. A deusa, dirigindo-se a Odisseu, alude ao fato de que “...o riso mais agradável é rir dos inimigos” (v.79). Ora, nesse verso, Sófocles retoma o código de honra dos guerreiros épicos o qual odiar os inimigos e amar os amigos era o mandamento. Em *Ridere in Omero*, Miralles nota que na épica, o riso e o sorriso caracterizam, constantemente, o vencedor, ri quem vence.

Em *Ájax*, é evidente que a deusa não está rindo, mas parece impelir Odisseu a fazê-lo, atribuindo ao riso uma hierarquia na qual o rir do inimigo é, dentre todas as espécies de riso, o mais doce. A deusa coloca-se, portanto, na posição de vencedora – mas aproveita, outrossim, para advertir Odisseu que nem sempre vale a pena jactanciar-se das glórias, quando se é humano, lembrando a máxima arcaica dos poetas líricos que diziam a respeito da moderação e da prudência que se alguém obtém a vitória, melhor é não se gabar disso.

Ora, se pensarmos na *Parte dos Animais*, de Aristóteles, em que o filósofo declara que “o homem é o único animal que ri” (III,10,673a 8), a passagem sofocliana torna-se mais surpreendente ainda, uma vez que vemos em cena uma deusa considerar o riso sobre os inimigos como o mais agradável. Mas o inimigo do qual Atena fala, diz respeito àqueles que lhe são hostis, ou ela está falando dos adversários de Odisseu? Miralles sugere que os mortais e, especialmente, Odisseu, a quem a deusa endereça as palavras, parecem não compreender bem o que significam suas palavras; pensamos justamente o contrário, pois Odisseu parece compreender bem as palavras da deusa. Caso contrário, ele estaria representando dentro da cena, diante da deusa, enganando-a, inclusive, o que não nos permite pensar que seja assim. Se estivermos com a frase de Aristóteles em mente, para quem o riso é propriedade do homem, consideramos que a deusa está correta, não porque conhece a experiência do riso, pois não é humana, mas porque tem a onisciência divina – eixo no qual a tragédia se constrói -; caso contrário, ela reduzir-se-ia à

condição de mortal, uma vez que somente o homem ri ou, como quer Bergson⁴⁷², é o único “animal que faz rir”.

Ájax encarna bem ambos os papéis: o de quem se ri e aquele que ri dos inimigos. Em princípio, *Ájax* ri dos seus inimigos (v.303), quando acredita, pelo menos é o que nos diz o relato de Tecmessa, que suas invectivas vão contra os atridas e Odisseu – nesse momento ele ri-se grandemente. Mas num segundo momento, sua loucura é o motivo da zombaria e da troça de todos, da deusa e dos homens. Nesse contexto, *Ájax* é aquele que ri, mas também o que faz rir, pois ele desencadeia o riso nos outros homens. Dessa forma, ele conhece o que significa estar na cena como provocador do riso e como aquele que ri da cena, mas isto tudo acontece, no *Ájax*, na esfera da loucura que a deusa Atena lhe enviara.

Na sua sandice, ele riu, mas também foi zombado – longe da loucura, ele experimenta a sensação, até então não sentida, do que significa ser o alvo do riso. Após ter findado a loucura furiosa que Atena havia lhe impingido, *Ájax* volta a si e percebe, finalmente, que é motivo de escárnio e de riso da parte daqueles de quem havia rido antes (v.367).

Outro aspecto do riso na tragédia sofocliana consiste em uma personagem imaginar que seu adversário está rindo dela. Assim, *Ájax* não supõe que Odisseu está rindo dele e com que prazer Odisseu rirá dele (v. 382). O Coro, como se quisesse aplacar os males de *Ájax*, atribui o riso, assim como o choro, à obra divina: “todo o homem ri e chora, conforme quer um deus” (v.383) e em outras passagens da peça, todo o motivo do riso se faz não pela própria pessoa que ri, porque muitas das vezes ela nem se encontra no palco, mas pela imagem que aquele que se sente prejudicado faz ou imagina que estão rindo dele. Os marinheiros acham que os atridas e Odisseu estão rindo de *Ájax*, assim como Teucro julga que a chegada de Menelau, junto ao cadáver de *Ájax*, é para rir e escarnecer do morto.

Consoante as observações acima, podemos situar o riso em duas esferas: a divina, na qual o riso é sempre mais doce, pois jamais cessa e jamais respingará no deus, desse modo não há vantagem se vangloriar ou rir senão prazerosamente, posto que o riso dos deuses não tem uma dimensão efêmera.

Temos, como contrário ao riso divino, o riso humano, no qual o homem deve ser cuidadoso e não se gabar da vitória que lhe foi dada, porque num curto espaço de tempo, se os deuses forem favoráveis, ele sucumbirá. E por fim, o riso mais comum na tragédia sofocliana, é o riso que poderíamos chamar de imaginário, consistindo em a personagem achar que alguém está sempre rindo dela. Este último é indicativo de um tipo determinado de estratificação social – que não é a dos deuses nem dos heróis, mas poderíamos dizer que se trata da classe das pessoas

472 BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

mais comuns. É aí, que situamos o riso do guarda da *Antígona*.

III. *Antígona*

Após a proclamação do édito, proibindo que o corpo de Polinices fosse enterrado, Creonte designa guardas para que vigiassem o cadáver e impedissem quem quer que fosse de enterrá-lo. Quando Polinices foi enterrado, contrariando as regras do rei, um dos guardas deve avisar a Creonte o acontecido; tendo sido tirado em sorteio, a missão cabe a um dos guardas, talvez o mais canastrão dentre eles.

O relato do acontecido a Creonte é acompanhado pelo medo e pelo embaraço do guarda que, tentando salvar a própria pele, faz uma exposição colorida e engraçada do que aconteceu. Não temos, nessa passagem, referência da palavra γέλοιος, o que podemos inferir como risível é a própria interpretação do ator que representa o papel do guarda, mas isto se torna difícil, uma vez que não contamos com o público diante de nós, nem com a certeza de que a intenção era a de fazer troça. No entanto, sabemos que o medo, acompanhado da língua desgovernada do guarda que só pensa em se livrar da acusação e das penalidades de Creonte, pode causar o riso.

Mas gostaríamos de chamar a atenção para outras passagens da *Antígona*, nas quais a palavra γέλοιος aparece, como nos versos 483, 551, 647 e 839. Em 484, Creonte, assim como a deusa Atena, havia alertado que o mortal não se gabasse da glória, no *Ajax*, faz o elogio da moderação e da temperança, falando a Antígona da flexibilidade das coisas. Nessa passagem, Antígona é reduzida por seu tio ao estrato das pessoas comuns, aquelas que parecem desconhecer as leis, caçoando e gabando-se de ter realizado tal pleito. Aos olhos de Creonte, Antígona comete uma nova insolência em relação à primeira – enterrar o morto é ir contra a lei cidadina, mas orgulhar-se disso é engendrar nova violência. Na mesma esteira da noção que em Sófocles uma personagem sempre pensa que a outra ri do seu infortúnio, dos seus males, na *Antígona*, Creonte parece estar certo de que ela é a razão do que está acontecendo à cidade no que concerne ao desrespeito da lei. Mas isso perde sua força quando no verso 551 Antígona diz “Se escarneço de ti é com dor que escarneço”, vemos Antígona se lamentar para Ismene por esta ser a causa do seu escárnio, este aqui compreendido melhor como um riso de pesar. Antígona sofre se Ismene é a causa do seu riso, pois não é próprio que os parentes riam uns dos outros, mas apenas os inimigos. Assim também, vemos Creonte advertir Hémon, em 647, de que o filho não perca a cabeça por causa do prazer que uma mulher possa lhe dar, que nada que não sejam os conselhos do pai prevaleça sobre tudo, pois do contrário, esse pai será motivo de escárnios dos seus adversários.

O sentido de γέλοιος como o riso que se ri do adversário, é recorrente na tragédia de Sófocles. Dos exemplos encontrados, praticamente, todos se referem à imagem que alguém, que se encontra em um estado no qual pode ser causa de riso, faz de si mesmo, no entanto atribui tal feito a outra pessoa. Talvez, possamos inferir que não se pode rir de si mesmo, de seus males, senão do outro. Ou então, é necessário que haja sempre alguém fora do enquadramento da cena risível, para que haja o riso, como poderíamos pensar em termos comparativos, com o último exemplo da *Antígona* em que a personagem homônima, após ouvir o Corifeu aludir à sua condição de mortal em comparação com uma deusa, pensa que ele está rindo dela.

IV. Considerações Finais

Vemos, assim, que o riso na tragédia de Sófocles, especialmente no *Ájax* e na *Antígona*, é indicativo de uma situação de infortúnio na qual a personagem se encontra, mas que nem sempre, efetivamente, ela é real do ponto de vista daquele que ri, pois muitas vezes o que, presumivelmente, ri não estar presente, e toda a cena de riso, que se constrói, é fruto da imaginação de quem sofre. Nas duas tragédias sofoclianas, o riso é muito mais a confirmação da situação degradante de quem sofre do que o estado descontraído de quem poderia rir: em *Ájax*, o herói homônimo desse drama pensa sofrer o escárnio de Odisseu, que está a um ponto abaixo da hierarquia do divino, é a única personagem que se comporta com probidade, pois diferente do Odisseu que conhecemos dos poemas homéricos ou da tradição, deparamo-nos com um herói sensato, piedoso e conciliador – alguém que, efetivamente, distancia-se do caráter que *Ájax* e os seus querem lhe atribuir. Na *Antígona*, da mesma forma que no *Ájax*, a heroína tem seus sofrimentos partilhados pelos mais próximos de si, não tendo inimigos que riam de si.

Considerando o riso dos deuses, dos homens e desses entre si, tudo que devemos estabelecer é que a natureza de cada um é distinta. A natureza do riso divino é imutável, os deuses podem rir ainda que seja um riso de escárnio, porque sabem que não cairão em infortúnios, estão isentos da morte e das vicissitudes do mundo. Contudo, cabe ao homem ser sensato e não escarnecer dos seus adversários e lembrar, sempre com moderação, as palavras da deusa Atena que caracteriza o riso como propriedade do homem vitorioso. O homem não deve esquecer sua natureza mortal e a fragilidade da vitória. É necessário não esquecer que a natureza humana deve aceitar as leis da mutabilidade na qual ela está inserida e que o riso, “o próprio do humano”, consoante Aristóteles, como as demais coisas que lhe são peculiares, deve manter-se em harmonia, o que poderíamos apontar para a noção de sorriso – categoria que atenua a perdição para os mortais ao atribuir a esses a

hýbris advinda do riso.